

Elisa Freitas

vasconcelos.elisa@gmail.com

Objetos [com]textos?

O presente artigo baseia-se num ensaio desenvolvido para a unidade curricular de Museus e Museologia do Mestrado no âmbito do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob regência da Professora Doutora Alice Semedo.

This article is based on an essay developed in the course unit Museums and Museology from the Museology Masters, at Faculty of Arts and Humanities, University of Porto, under the responsibility of Professor Alice Semedo.

Resumo

Procurando discutir questões relacionadas com as legendagens e demais textos expositivos nos museus, adota-se, neste artigo, uma postura reflexiva comparando e relacionando questões teóricas e alguma bibliografia sobre o tema e aliando-as a algumas experiências e casos concretos. Que formas de legendar? Como podem os textos expositivos mudar e melhorar (ou não) a experiência dos visitantes? Desta forma, em torno dos textos expositivos, várias questões são colocadas e discutidas, por exemplo, sobre pertinência e preponderância, modos e cuidados de escrever e legendar e sobre o papel destes nas estratégias de mediação comunicação dos museus.

Do resultado desta reflexão, alguns pontos concordantes sobre, por exemplo, critérios e riscos a considerar na elaboração de textos expositivos e sobre o seu papel no contexto dos museus – enquanto espaços de estudo, exibição, fruição e preservação do património material e imaterial da humanidade.

Palavras-chave

Legendagens; Textos expositivos; Comunicação em museus; Exposições; Mediação

Nota biográfica

Elisa M^a Vasconcelos de Freitas é licenciada em Ciências da Cultura pela Universidade da Madeira (2008) e mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2014). As problemáticas e questões de representação afetas à musealização do design estiveram na génese da investigação desenvolvida no âmbito da dissertação de mestrado, em colaboração com o Centro de Interpretação do Design Português (CIDES.PT). Tem cooperado pontualmente em alguns projetos museológicos, é investigadora colaboradora no Centro de Estudos Regionais e Locais (Universidade da Madeira) e desenvolve atividade no Museu de Arte Sacra do Funchal.

Abstract

Debating questions related to exhibition texts in museums, in a reflective attitude, specific theoretical questions and bibliography are compared and confronted with some concrete experiences and events. What ways of writing exhibition texts? How can the exhibition texts change and improve (or not) the visitors' experiences? This way, reflecting on the mentioned theme, many questions are posed and discussed, namely, about the relevance and the preponderance of the exhibition texts, on ways and cares needed in writing and subtitling, and, finally, about their role in the museums mediation and communication strategies.

From this reflection result, some concordant points on, for example, the criteria and risks to be considered in the preparation of exhibition texts and on their role in the museum context – known as a space for study, display, enjoyment and preservation of tangible and intangible humanity heritage.

Keywords

Subtitles; Exhibition texts; Communication in museums; Exhibitions; Mediation

Biographical note

Elisa M^a Vasconcelos de Freitas is graduated in Cultural Sciences by the University of Madeira (2008) and master in Museology by the University of Porto, Faculty of Arts and Humanities (2014). Problematics and questions of representation of design in museums are the focus of the research conducted on her master dissertation in collaboration with the Interpretation Center for Portuguese Design (CIDES.PT). Has collaborated occasionally with some museological projects. Presently she collaborates as researcher at Centro de Estudos Regionais e Locais (University of Madeira) and works as museologist at the Sacred Art Museum of Funchal.

Introdução

Refletindo sobre os museus como lugar de interação multidirecional e procurando descodificar os motes dessa interação, chega-se quase intuitivamente aos objetos e às coleções como ocupantes de um lugar central na atividade e no próprio sentido inerente ao lugar-museu (Semedo, 2005). Esse espaço, compreendido como lugar para benefício público que privilegia a coleção, estudo, conservação e exibição do património material e imaterial da humanidade, entendidos como evidências da cultura, da atividade e interação do Homem com o seu ambiente e, por isso, com assumido valor social (Ambrose & Crispin, 1994; ICOM, 2007). Partindo destas premissas, o museu assume-se como incontornável espaço de comunicação, cujos conteúdos – as mensagens – chegam-nos, não só, mas, de modo muito particular, por intermédio das coleções, se quisermos, dos objetos, colocados à fruição do público através das exposições e atividades desenvolvidas pelos museus.

Objects embody unique information about the nature of the man society: the elucidation of approaches through which this can be unlocked is our task, the unique contribution which museum collections can make to our understanding of ourselves (Pearce, 1994, p. 125)

A esta singular contribuição apontada por Pearce (1994) impõe-se uma questão: Como? A leitura desta memória cultural que os objetos incorporam, não será tão linear e automática, nem tampouco interpretável de forma constante, em padrão repetitivo: Então, como é que se efetivam estes processos de comunicação? E como é que se descodificam estas informações? Será talvez uma demanda de extremada abrangência e, não se pretende aqui explorar a infinidade de “comos” que lhe poderiam servir de resposta ou respostas. Naturalmente estes “comos” passarão por questões que abrangem processos de estudo, pesquisa, por uma escolha de critérios, por toda uma política de gestão e comunicação do museu e das suas coleções bem como por outras noções como modelos de comunicação e teorias de significação dos objetos entre função, história e símbolo.

O ponto de enfoque que aqui se pretende abordar, em modo de ensaio reflexivo passará, inevitavelmente, por algumas destas questões, porém, centrar-se-á, sobretudo, num recurso específico, largamente utilizado no contexto museológico como parte do seu sistema de comunicação e que o título deste ensaio prenuncia: os textos – as legendagens e textos expositivos utilizados nos museus. Que sentido? Que utilidade? Que caminhos? Confrontando e

partilhando algumas ideias e referências, pretendem-se aproximações ao que se acredita poderem ser opções pertinentes para a legendagem em museus, para a compreensão do seu papel em função do(s) objeto(s) e conjuntos expositivos a que se associam. Ter-se-á, portanto, como principal alvo de reflexão, dando-lhes maior enlevo, os textos passíveis de serem experienciados como parte do ambiente físico de um dado espaço expositivo (Hooper-Greenhill, 1994, p. 125). Tal inclui textos de carácter descritivo/não-interpretativo e/ou interpretativo: títulos, subtítulos, painéis, legendas de identificação e outros textos que, de acordo com a opção do curador e da equipa museográfica, poderão integrar no espaço expositivo a partir de diferentes suportes e formas. Por ser talvez o denominador mais abrangente, a palavra «legenda», compreenda-se, «escrito relativo a qualquer assunto representado em gravuras, desenhos, gráficos, fotografias, mapas ou outros impressos, para facilitar a compreensão» (Academia das Ciências de Lisboa, 2001, p. 2241), será o termo mais recorrente para referir os textos utilizados no contexto expositivo.

Do latim legenda «o que deve ser lido»

Subservientes, discretas, por vezes despercebidas, as legendas e os textos expositivos poderão ter, à primeira vista, um papel secundarizado no contexto expositivo: o pormenor, o detalhe, o mero preciosismo prescindível. Os olhos nem sempre pousam sobre os textos expositivos com paciente interesse. Algumas vezes, poderão ser entendidos como interpretações impostas e castradoras de significados. Serão realmente importantes? Que papel deverão ocupar no espaço e discurso expositivo do museu?

“‘An object in a museum case’, he wrote, ‘must suffer the de-natured existence of an animal in the zoo. In any museum the object dies — of suffocation and the public gaze’” (Chatwin, 1989, p. 6). Através da personagem principal do seu romance *Gaspar Utz*, um apaixonado colecionador de porcelana de Drensen, residente na Boémia, durante o período da trágica Guerra Fria, o autor Chatwin convoca um encontro com o espaço museológico que toca o desconcertante: o desenquadramento do objeto do seu ambiente natural. Uma nudez, um despir de sentidos e significados precedentes. A dura comparação com a realidade da clausura de um animal num Jardim Zoológico, retirado do seu

habitat, numa espécie de estranhamento que lhe esvanece a realidade. A apropriação desta leitura é ponto de partida para a discussão sobre a relevância das legendas e textos expositivos no processo de interpretação e significação dos objetos musealizados. A começar, se é verdade que a incorporação de um objeto num museu implica, geralmente, um deslocamento e uma mudança, ao retirar os objetos do seu contexto original – processo de musealização (Desvallées, 2010) – por outro lado, a opção expositiva e a escolha pertinente de textos, entre outros critérios como a disposição, a sequência, o cenário, a iluminação e o ambiente, poderão determinar a sua valorização ou desvalorização. A este respeito, afirma Ravelli (2006, p. 1) que os textos expositivos são poderosos recursos de comunicação e que precisam ser compreendidos da melhor e mais clara forma possível.

Do valor da palavra: Construtora de sentidos

As palavras, embora não sendo o único recurso mediativo, podem apoiar a contextualização e mediação dos objetos museológicos, no seu carácter representativo, ajudando à construção de significações e práticas interpretativas (Ravelli, 2006). Por um lado, haverá a opção de mediação através de uma legendagem neutral e esvaziada de vivências e processos sociais – esterilizada, que se limita a fornecer ao visitante

informações descritivas tais como: designação, dimensões e ou datação e proveniência do objeto, autor, etc. Muitas exposições museológicas recorrem a esta solução de legendagem descritiva, geralmente, com formatos padronizados (Hooper-Greenhill, 1994). Através delas, os públicos recebem informação básica sobre o objeto em causa, o que os capacita para, mediante o grau de compreensão e legibilidade das mesmas, nomear e identificar o objeto, eventualmente conhecer a sua proveniência, autor ou datação.

Regressando à vital função do museu, evocada no início desta reflexão a partir de Pearce (1994) – a de desvelar os significados do objeto enquanto mensagem cujo conteúdo se projeta muito para lá da materialidade – será importante refletir sobre a suficiência dos textos não interpretativos para afastar o objeto desse vazio estéril, que a passagem de Chatwin evocava. Novamente, o potencial das palavras, como construtoras de mundos e evocadoras de vivências que possibilitam viagens, ligam realidades e narram histórias, tudo num mesmo espaço e tempo. De facto, os objetos permanecerão os mesmos, porém, as palavras concedem a possibilidade de que estes sejam vistos de outra forma, melhor, de outras formas, promovendo diferentes graus de aprofundamento de conteúdos, diferentes

perspetivas e pistas interpretativas (Hooper-Greenhill, 1994, p. 118).

O recurso aos textos expositivos serve, então, como ferramenta que poderá permitir a construção de contextos e narrativas ligando os objetos em fios coerentes, que, deste modo, se afastam do campo neutral e este será um possível caminho no sentido da aproximação ao conhecimento de «nós-mesmos», esse contributo vital do museu referido por Susan Pearce (1994). De resto, reforça esta ideia, a noção de ser, de um modo muito particular, pelas palavras – escritas ou faladas, através de meios diversos que o Homem, enquanto ser social, vai consolidando existências, dando consistência, consciência e valor aos acontecimentos que o constroem. É ao contar-se que o Homem, a Sociedade e os acontecimentos se vão definindo em contornos mais nítidos. A linguagem, e a forma como se processa, são reveladoras de laços, traços, ideais e modos de ver e pensar o mundo. Se são os objetos uma cultura e identidade materializada, também eles têm essa necessidade de palavra narrativa, estruturadora e reflexiva. Apoiada esta ideia a noção (mais abrangente) de *narrativa* introduzida por filósofos como Paul Ricoeur e Frederic Jameson que defendem que o ser humano constrói a sua identidade e o próprio sentido do mundo e dos acontecimentos através

de narrativas, estando por isso a narrativa implicada na forma como raciocinamos (*citado por Austin, 2012, p. 107*). Esta dimensão reporta, dentro da perspetiva pós-estruturalista, à abordagem às exposições sob a perspetiva textual pelas estruturas e estratégias narrativas. Mason (2011, p. 26) especifica a dimensão narrativa espacial – que envolve o espaço e o modo como este se articula com os objetos – e as vozes e narrativas estratégicas implícitas nos textos expositivos, como a iluminação ou som por exemplo.

Do que não é dito

Regressando aos textos expositivos, se a neutralidade descritiva e contida parece pouco contribuir para que os objetos musealizados sejam valorizados pelo conhecimento, deixando a responsabilidade dessa valorização mais dependente da leitura que o visitante por si mesmo, realiza a partir do seu *background* de conhecimento e experiência, por outro lado, o recurso ao texto interpretativo poderá também, no polo oposto, se revelar limitativo, já que, ao mostrar determinados pontos de vista e propor significados, inevitavelmente, imporá processos de inclusão e exclusão de informação (Kavanagh, 1991). A plasticidade interpretativa dos objetos permite um moldar perspetivas. Daí, advém o risco da legenda interpretativa se revelar

malogradamente tendenciosa. Está-se perante o reverso da medalha, porquanto estes processos de inclusão e exclusão são condicionantes de leituras e significados, os objetos, na sua riqueza de significância cultural, encontram simultaneamente a sua força e a sua fragilidade (Hooper-Greenhill, 1994, p. 116): a força dos significados que incorporam e a fragilidade da subjetividade interpretativa e manipulável que possam possibilitar.

Torna-se assim evidente a responsabilidade e a importância social e ética do museu na construção de significados, na formação de noções de identidade e história que propõe e no cuidado que deverá estar necessariamente implícito nas opções de discurso expositivo, nomeadamente, na escolha e na construção de legendas. Vem ao encontro desta problemática a referência de Coxal em “How language means: an alternative view of museum texts”:

The preferred truth of the objects in a collection is constructed by an exhibition team selection of objects, by what they choose to say and particularly what they choose not to say about them, as well as by the viewers reinterpretation of what they see. The display and interpretations of collections not only educates and fascinates, but influences and, in some cases, reinforces current stereotypical attitudes (Coxall, 1991, p. 93).

Além da influência que exercem estas opções entre o que é e o que não é dito, Coxal realça ainda um aspeto importante a ter em conta neste processo de comunicação: o papel do público, não como um elemento inerte, mas como um ativo criador de significados que poderão não ser coincidentes com aqueles objetivados pela equipa museológica. Entra-se aqui noutro ponto relevante: o modo como se processa a comunicação museu – exposição / objeto – público. Por ora, traz-se à reflexão apenas a noção de que o perigo de ambiguidade interpretativa da mensagem do conjunto expositivo – incluindo o objeto e os textos – não é condicionado apenas pelo seu processo de construção nas escolhas e inclusões realizadas, mas também, pelas leituras e interpretações que o recetor – audiência – fará, na sua liberdade e, dentro do seu contexto cultural e cognitivo.

Um contributo a ter em conta: Modelo de processo de comunicação

Vários autores se debruçaram no estudo sobre os processos de comunicação no espaço museológico. Entre estes autores, salienta-se a proposta de MacManus (1991, p. 41 e ss.) que se procurará expor aqui, de forma sucinta, de modo a possibilitar uma visão sobre estratégias de mediação dos conteúdos das «mensagens» aos públicos-recetores. O Autor propõe uma

alternativa ao tradicional modelo de comunicação linear: “emissor – mensagem – recetor”, apresentando uma proposta a partir do Modelo de processo de Comunicação (depois de *Sless, 1981*) que reveste ambos (emissor e recetor) de papel ativo no processo de transação de informação. Como o indica a designação atribuída ao modelo de comunicação, o modelo foca-se no *processo*: a mensagem perde a existência independente, para ser resultado de um processo de transação mental, no momento em que ocorre a comunicação. Essa transação parte da colocação de um conjunto de questões que irão concretizar a relação entre o museu/equipa museológica e os seus públicos/visitantes. A efetivação do processo de comunicação só se dá perante a ação de ambas partes. Portanto, em termos concretos, a equipa que prepara determinada exibição, para garantir que consegue chegar ao público, precisa sempre de responder às questões: O que quero dizer? A quem estou a dizê-lo? Estou a conseguir chegar a eles? Por sua vez o público, perante a exposição, coloca-se, irrefletidamente, perante as questões: Quem está a falar para mim? Qual é o tema de que falam? O que dizem sobre o tema?

MacManus (1991) defende que, se os públicos não forem capazes de se questionar, provavelmente, os objetos permanecerão «silenciosos» e o processo de comunicação não

se efetivará. Por seu lado, se a equipa museológica negligencia estas questões, os públicos, ainda que o procurem, poderão não conseguir encontrar as respostas perante as quais se coloca, encontrando dificuldade, conseqüentemente, em encontrar sentido na exposição. Portanto, perante a falha numa das partes envolvidas o processo de comunicação não se efetiva inteiramente, e os objetos/conteúdos correm o risco de permanecer “inanimados”.

Que opção? Definir e conhecer

A partir da compartimentação, saliente-se genérica, relativamente aos tipos de legendagem interpretativa e não-interpretativa, chegou-se a um conjunto de elementos mais e menos favoráveis no que concerne aos dois tipos de legendagem (interpretativa e não-interpretativa). Que escolhas poderão então ser mais viáveis? Para ambas opções será por certo comum a responsabilidade de ter por base o rigor e a transparência. Na verdade, não se crê que seja congruente dizer uma certa e outra errada, na verdade, as formas de legendar podem mesmo se complementar (um olhar atento a alguns exemplos concretos em museus o evidenciará). No entanto, as leituras e reflexões que foram sendo realizadas fazem emergir três principais preocupações ou tarefas

a delimitar e clarificar na adequação do tipo de legendagem ao conjunto expositivo: definir um objetivo conceptual, conhecer o objeto e conhecer os públicos. Naturalmente, a definição do objetivo ou dos objetivos advém e depende da missão e objetivos concretos que estão na génese do próprio museu em particular – através da sua declaração de missão e em geral, através dos princípios orientadores inerentes à noção de *museu*. Conhecer o objeto, melhor, conhecer o conjunto de conteúdos que se pretende envolver no contexto expositivo pelo estudo da coleção – na sua materialidade, história, significados e contextos, para poder, de forma consciente, realizar opções expositivas responsáveis. Sobre este tema, Batchelor defende no seu modelo de estudo de objetos descrito em *“Not Looking at the kettles”*: “we must first examine all the information the object presents or illustrates, and actively decide that within the function of our museum, its use is more important” (Batchelor, 1994, p. 143). O garante do rigor e da qualidade das legendagens depende em muito desta escolha ativa que se justifica entre a missão de cada instituição museológica e o conhecimento dos seus públicos. O papel destes últimos, como já se viu anteriormente, não deverá ser descurado – para que se efetue, de facto, passagem de informação entre o museu e públicos, será necessário garantir que o tipo de

textos apresentado seja passível de descodificação por parte dos mesmos.

Legendas interpretativas e não-interpretativas

Se, por um lado, a preferência e predominância da legendagem não descritiva adquire um carácter mais objetivo, portanto, menos passível de desacerto e menos fragilizado pela subjetividade, por outro lado, será menos abrangente, como já se referiu. A opção por complementar a exposição de determinada coleção com recurso a legendas interpretativas será por certo mais arriscada, porquanto em geral mais exigente de estudo, planeamento e prudência nas opções de conteúdos, de modo a garantir assertividade. Ainda assim, haverá inevitavelmente uma carga de subjetividade associada. Não obstante, acredita-se que, entrando em coerência com a definição dos objetivos e missão da Instituição, numa atitude de transparência e responsabilidade social e ética, um determinado ponto de vista, uma forma de ver o mundo poderá ser assumida de forma valorosa ao permitir que os públicos se possam abeirar dessa humanidade que os objetos incorporam em memórias materiais, construtoras de sentidos. No campo interpretativo, a multiplicação de perspetivas e o enriquecimento das narrativas feitas em torno dos conteúdos exibidos pelos museus pode

ainda ser mais diversa e democratizada, se envolver participação dos públicos com as suas experiências e relatos ao invés de se limitar ao posicionamento do curador. Vários exemplos a este respeito são referidos por Hooper-Greenhill (1994, p. 119 e ss.).

Se cada objeto ou coleção testemunha tempos, culturas e histórias diferentes, se é fruto de motivações, vontades e contextos diversos, então, também os textos e demais elementos de mediação deverão procurar expressar essas especificidades. Os textos (as legendas) poderão transformar a experiência do visitante no museu, porém, também elas deverão passar por um processo de adequação ao propósito que as constrói. Não parece ser, portanto, impositiva ou rigorosa a escolha de tipologia de legendas, antes, parecerá conveniente, isso sim, uma reflexão cuidada sobre a coerência das opções tomadas, considerando, inclusive, essa quase “missão comum” intrínseca à cultura material musealizada: a de contribuir para o conhecimento do Homem, desmistificando *pré-conceitos*, aprofundando, construindo, e preservando memórias e identidades (Pearce, 1994).

Um exemplo *sui generis*, no que respeita a opções de legendagem em museus ocorre nos Estados Unidos da América. A coleção do Casal

Menil, que deu origem a um autêntico “Bairro de artes” em Houston - Estado do Texas, e incorpora uma vasta e diversa coleção de pintura e escultura, com um acervo que comporta arte de várias épocas e regiões geográficas, desde o período contemporâneo à arte bizantina, da escultura africana à antiguidade clássica, entre outros. O conceito e filosofia deste museu poderiam resumir-se na afirmação da colecionadora, Dominique Menil: “Perhaps only love and silence do justice to a great work of art” (The Menil Collection, 2008). Esta crença traduziu-se, em termos expositivos, numa primazia pelo contacto direto do visitante com obra de arte, livre dos contextos mediadores. Há um foco central museográfico no proporcionar de um ambiente contemplativo num espaço livre de ruído, limpo... Tal conceito exclui também os textos interpretativos, visitas guiadas ou guias-áudio. A escolha aspira um afastamento dos elementos que poderão condicionar ou influenciar as percepções diretas e imediatas do visitante em relação ao objeto – obra de arte. Não se pretende aqui discutir os resultados e a viabilidade desta opção, nem se teria informação suficiente para o poder fazer com rigor. Importa antes recolher o exemplo de uma preferência discursiva clara e assumida a partir da missão museológica, da coleção: a opção da ausência de legendas no museu é justificada e

fundamentada, indo ao encontro do conceito e objetivos definidos.

Muito, pouco ou nada: Coerências na escrita

*“Exhibitions are not books on the wall”
(Hooper-Greenhill, 1991, p. 131).*

Foi considerado, até agora, o valor das palavras e da contribuição que podem oferecer ao contexto museológico, porém, como devem ser utilizadas? Com que coerência? Com que medida?

Se as palavras têm relevo na desmistificação dos conteúdos das coleções, também parecem revelar-se, por outro lado, determinantes na motivação e captação da atenção dos públicos. Revela-se, por isso, fundamental que as construções fráscas sejam clarificadoras e fáceis de assimilar. De facto, por maior que seja a riqueza do conjunto expositivo, uma legendagem demasiado intrincada poderá frustrar a experiência do visitante (Ravelli, 2006, p. 3). Será por certo complexa a busca de equilíbrio entre qualidade, quantidade e legibilidade no ambiente museológico e, o processo de escrita não deverá ignorar os condicionalismos que uma leitura nos espaços museológicos geralmente revela. Se cada um refletir nas suas próprias experiências enquanto visitante, não será difícil, crê-se; detetar esses condicionalismos. Por melhor, completo e

ilustrativo que seja um texto, se não for proporcionador de uma leitura agradável, e com grafismo acessível, dificilmente será apreciado. Os textos expositivos são geralmente experienciados em condições pouco confortáveis entre afluência de público num mesmo espaço, limitações de tempo, constrangimentos de distância em relação aos textos, cansaço e, por vezes, saturação de informação. Em muitas ocasiões, a compreensão dos mesmos será condicionada pela própria língua ou pelas opções terminológica técnicas a que recorrem (Hopper-Greenhill, 1994). Não é raro que os olhos se percam entre linhas quando as distâncias dificultam a leitura e, por vezes, fica a sensação de, entre limitações de tempo e atenção, ter que escolher entre textos e objetos, ou então, selecionar os conteúdos que possam sugerir-se mais essenciais.

No oposto, a informação quase nula em determinados objetos coloca o visitante perante a desagradável sensação de desinformação, melindrando expectativas. Para contextos de leitura diferentes, tipos e critérios de escrita diferentes e, no contexto dos museus, perante os condicionalismos apontados, revela-se imperioso o esforço por produzir textos de leitura acessível, rápida e agradável, que motivem, envolvam e cativem o visitante no percurso que realiza não comprometendo a

compreensão por parte dos diversos tipos de públicos. O objetivo, crê-se, será o de desmistificar e simplificar, sobretudo quando os assuntos em foco se preveem, à partida, de complexa compreensão para um público não especializado, procurando sempre compreender e ir ao encontro das suas expectativas, convocando uma convergência entre estas e aquilo que o museu tem para oferecer (Hopper-Greenhill, 1994).

A opção pela criação de uma ligação e coerência entre estilística e lógica confere congruência ao conjunto expositivo, no entanto, surge como opção conveniente que cada texto – mesmo dentro desse discurso conectado – possa ter um sentido isolado, não excessivamente dependente de precedências encadeadas. Deste modo não se impõe ao público a obrigação de seguir e ler de forma restritiva e sequencial toda a informação. Este cuidado permite que cada visitante tenha a possibilidade de selecionar a informação que mais lhe possa interessar (MacManus, 1991; Hopper-Greenhill, 1994).

Sobre as técnicas específicas e cuidados na produção de legendas, alguns autores fornecem ferramentas e indicam critérios que não devem ser ignorados no correr do processo. Em *Making sense of exhibits* (MacManus, 1991), a partir de um estudo sobre o comportamento e

motivações dos diversos tipos de público frequentador do Museu de Ciências de Londres, o autor agrupa os diversos tipos de público, apontando e analisando os seus comportamentos nos ambientes expositivos. Desta análise resultam algumas ilações, nomeadamente, sobre a forma como os visitantes interagem com as legendagens. “Label text can be thought of as rather like a speech bubble in a carton which happens to hold the words of the person who prepared the exhibition” (MacManus, 1991, p. 39). Para MacManus, os públicos parecem então, de forma generalizada, colocar-se numa relação de diálogo com as legendas, percecionando através delas o contacto com escritor das mesmas. O Autor considera, por isso, importante que as legendas estabeleçam esta proximidade, defendendo que estas sejam escritas com recurso à segunda pessoa, como se o escritor se estivesse a dirigir diretamente ao visitante, proporcionando uma proximidade envolvente e tornando-o parte do processo de interpretação da narrativa. Este processo é sistematizado a partir do modelo de comunicação que apresenta e que já aqui foi explanado e refletido anteriormente (MacManus, 1991).

Como escrever

Aliado e intrínseco ao que até aqui abordamos, um vasto leque de considerações serve de referência no processo de construção de legendagens embora não se pretenda adotar aqui a função de «guia-prático». Vários autores apontam sugestões, caminhos e diferentes perspectivas no processo de elaboração de legendagens e organização do espaço expositivo. Sem aprofundar com detalhe essa temática neste contexto, ainda assim, alguns elementos comuns que se consideram de importância basilar no momento concreto de elaboração de legendagens, parecem ser de pertinente referência no contexto desta reflexão, sem que, convém reforçar, se realize uma abordagem exaustiva nem tão pouco de ambiciosa completude. Nos tipos de legendagem, os textos poderão, de forma genérica, ser agrupados entre títulos e subtítulos, painéis introdutórios, legendas de conjuntos, legendas individuais e painéis interpretativos (Hooper-Greenhill, 1994, p. 131-132). Em relação à sua apresentação e escrita, aspetos muito práticos deverão ser tidos em conta podendo estes aspetos, efetivamente, marcar a diferença entre um tipo de legendagem agradável e facilmente legível e uma legendagem menos acessível. A autora supracitada refere a utilidade do recurso ao estilo de produção de texto «easy-to-read» tendo em conta detalhes

que se prendem com a escolha de vocabulário familiar, os espaçamentos entre linhas, o número de caracteres por linha e as construções frásicas simples com ideias isoladas, procurando fazer coincidir início e final de frases com início e final de linhas. Estes aspetos facilitam a leitura e assimilação rápidas da informação, evitando maior fadiga e esforço. O *design* – a escolha de formas e cores – serão também determinantes enquanto recursos para a criação de ligação entre o conjunto, legibilidade ou destaque de determinados elementos. A atenção aos diferentes modos com que os públicos apreendem informação poderá traduzir-se, na prática, pela criação de diferentes níveis de informação que encontrem formas sensoriais distintas de entrar em contacto com o público. Esta diversidade poderá permitir uma maior dinâmica envolvente, acessibilidade e abrangência (Ravelli, 2006, p. 49-68; Smithsonian Institute, n.d., p.ii). Ravelli (2006, p.17 e ss.) acrescenta ainda aspetos como a organização visual e linguística (por exemplo, o estilo de texto – entre informativo, explanatório, expositivo, discussão ou instrutivo) como intrínsecos à construção de significados e fundamentais para a coerência e efetivo cumprimento dos textos na sua função.

De novo: Objetos com textos

Depois de um trajeto entre objetos e palavras, onde se terá procurado compreender o papel e importância das legendas no contexto expositivo dos museus, bem como, os moldes em que se poderão traçar, de um modo reflexivo, foi-se tentando abeirar de possíveis pistas a partir do confronto entre autores que serviram de referência, mas também, a partir de experiências e percepções concretas. Não se alcançam a soluções ideais ou a fórmulas irrevogáveis de sucesso, porém, algumas linhas de referência, alguns indicadores ficam realçados, alertando para a preponderância positiva ou negativa que poderão ter os textos expositivos enquanto elementos de comunicação nos museus. No fim, subtrai-se a interrogação inicial aos “textos” e reitera-se o seu interesse no âmbito museológico e na relação com os objetos enquanto vias para a construção de significados, perspectivas, leituras – interpretações. Em última análise, enquanto elementos de comunicação. Por outro lado, fica a consciência da frágil linha de equilíbrio na composição de textos museológicos, da sua complexidade e da responsabilidade que comporta a sua aplicabilidade coerente. Se *as palavras* e os *textos* se mostram importantes na construção de sentidos ao longo dos elencos expositivos, também se torna evidente que esta importância

não se traduz, na prática, em termos quantitativos, mas qualitativos e passam pelo domínio linguístico, pelo conhecimento dos recetores-alvo e por uma astuta pertinência na seleção de conteúdos e no modo de construção textual criativo, cativante e clarificador.

Por outro lado, a multiplicação de pontos de vista, minimizando limitações e imposições interpretativas dos conteúdos, apoia a noção de Museu enquanto espaço democratizado, aberto e participativo. Perante os constantes desafios que o contexto atual vai impondo aos museus, numa premente necessidade de se reinventar, parece ser igualmente determinante a inovação dos suportes e técnicas de mediação, i.e., a busca por novas formas de exhibir e legendar, com recurso a suportes, métodos e técnicas alternativas e interpelantes.

Mas mais ou menos complexas, mais ou menos vanguardistas, importa, no fim, o cuidado e a coerência perante os contextos e a preocupação em estabelecer os fluxos de comunicação multidirecionais, fazendo chegar os conteúdos aos destinatários e evitando incorrer em detalhes que descentrem o curador ou as equipas museológicas desse objetivo central.

Sobre as palavras e as legendas, entre textos interpretativos e não interpretativos, certamente, a consciência de que constituem um

poderoso recurso de comunicação poderá ser vantajosa para as instituições museológicas, ao permitir potenciar a valorização das coleções. Para a estruturação dos textos é relevante a opção por uma lógica de equilíbrio seletivo e cuidado da informação disponibilizada cuidada que resulte, como se referiu, na efetivação dos processos de comunicação, permitindo que o visitante se sinta orientado e informado de forma clara, motivante e envolvente, mantendo a prudência, porém, relativamente a posturas

extremadamente fechadas e condicionadas. Reforça-se, por isso, o que no início desta reflexão se mencionava: a legendagem não será o único recurso no processo de criação de uma narrativa expositiva nos museus e tem, certamente, necessidade de se aliar a outros recursos na criação de contextos e ambientes interpretativos. Será por isso, a conjugação eficaz dos vários elementos expositivos que permitirá ao museu e aos seus públicos construir uma relação mais frutífera.

Referências

- Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo.
- Ambrose, T. & Crispin, P. (1994). Some definitions of 'museum'. In: G. Kavanagh (Ed.). *Museum provision and professionalism* (14-16). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Austin, T. (2012). Scales of narrativity. In L. H. Hanks, J. Hale & S. MacLeod (Eds.). *Museum making. Narratives, architectures, exhibitions* (107-118). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Batchelor, R. (1994). Not looking at kettles. In: S. Pearce (Ed.). *Interpreting objects and collections* (139-143). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Chatwin, B. (1989). *Utz*. Nova Iorque: Viking.
- Coxall, H. (1991). How language means: An alternative view of museums text. In: G. Kavanagh (Ed.). *Museum languages: Objects and Texts* (83-100). Leicester: Leicester University Press.
- Desvallées, A., & Mairesse, F. (dir.). (2010). *Concepts clés de muséologie*. Mariemont: Musée Royal de Mariemont e ICOM.
- Hooper-Greenhill, E. (1991). A new communication model for museums. In: G. Kavanagh (Ed.). *Museum languages: Objects and Texts* (47-62). Leicester: Leicester University Press.
- International Council of Museums [ICOM] (2007). Definição de museu [em linha]. ICOM Portugal website, s.d. Acedido em novembro 14, 2013 em: http://www.icomportugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx.
- Hooper-Greenhill, E. (1994). Language and texts. In: *Museums and their visitors* (115-139). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Kavanagh, G. (1991). Introduction. In: G. Kavanagh (Ed.). *Museum languages: Objects and texts* (1-8). Leicester: Leicester University Press.
- MacManus, P. M. (1991). Making sense of exhibits. In: G. Kavanagh (Ed.). *Museum languages: objects and texts* (33-46). Leicester: Leicester University Press.
- Mason, R. (2011). Cultural theory and museum studies. In S. Macdonald (Ed.), *A companion to museum studies* (17-32). Oxford: Wiley.
- Pearce, S. (1992). Meaning as function. Leicester: Leicester University Press.
- Pearce, S. (1994). Thinking about things. In: *Interpreting objects and collections* (126-132). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Ravelli, L. (2006). *Museum texts*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Semedo, A. (2005). Políticas de gestão de colecções (Parte I). *Revista da Faculdade de Letras*, IV, 305-322.
- Majewski, J. (coord.) (n.d.). *Smithsonian guidelines for accessible exhibition design*. Washington: Smithsonian Institute.
- The Menil Collection (2008). Menil collection: history / philosophy [em linha]. Acedido em 6 fevereiro 2013, em <http://www.menil.org/about/history.php>.